

Amor & Sexo: Sexualidade, Feminismo e o Contra-agendamento da Mídia¹

Maisa Regina BILENKI²

Maria Elisa MÁXIMO³

Associação Educacional Luterana Bom Jesus/Ielusc, Joinville, SC

RESUMO

O Amor & Sexo faz parte da programação da Rede Globo de Televisão desde o ano de 2009, somando 10 edições até o momento. Nas últimas duas temporadas, em especial na edição de 2017, ele passou por diversas mudanças principalmente com relação ao conteúdo apresentado, mas também ao formato do programa. O objetivo deste artigo é discutir algumas destas mudanças, compreendendo o fenômeno de contra-agendamento de mídia e a influência de movimentos sociais, do feminismo e dos estudos de gênero neste processo de contra-agendamento.

PALAVRAS-CHAVE: Amor & Sexo. Televisão. Contra-agendamento. Feminismo. Comunicação.

1. Introdução

O presente artigo consiste numa versão preliminar do meu Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, que será finalizado e apresentado em banca em julho de 2017. O objeto empírico deste estudo - o programa Amor & Sexo, da Rede Globo - tornou-se relevante no início deste ano, quando ocorreu uma significativa mudança de posicionamento de formato e de conteúdo do programa em relação às edições anteriores e até em relação às demais programações do canal. Por conta disso, resolvi traçar um paralelo entre as mudanças que ocorreram com o Amor & Sexo e o que aconteceu com a sociedade brasileira como um todo nos últimos oito anos - período que ele está no ar -, principalmente com relação aos discursos de cunho feminista.

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Estudante do Curso de Jornalismo da Associação Educacional Luterana Bom Jesus/Ielusc. - E-mail: bilenkiregina@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Prof^a Dra. do curso de Jornalismo da Associação Educacional Luterana Bom Jesus/Ielusc. E-mail: elisamaximo@gmail.com

Assuntos relativos à sexualidade das mulheres sempre estiveram à margem do debate público, em especial na grande mídia. Quanto tratado, esse tema é geralmente apresentado de forma estereotipada, muitas vezes até caricata, reforçando modelos heteronormativos, sexistas, machistas, corroborando e reiterando o patriarcalismo como aspecto estruturante da nossa sociedade. Nas suas primeiras edições, o programa Amor & Sexo seguiu exatamente esta lógica, como procuro demonstrar adiante. Nesse sentido, tendo por base a teoria do agendamento (agenda-setting) e a hipótese do contra-agendamento (SILVA, 2007), o objetivo deste artigo é apresentar como se deu o reposicionamento do programa Amor & Sexo, passando de uma abordagem heteronormativa, monogâmica e até mesmo machista das relações afetivas e sexuais para uma abordagem plural e disruptiva, como a que marcou a última temporada, apresentada no início de 2017. Lembro, ainda, que se trata de notas preliminares de uma pesquisa ainda em curso, cujos desdobramentos certamente permitirão aprofundar as questões e percepções esboçadas aqui sobre sociedade, movimentos sociais, feminismos e sobre os espaços que temas como esses ainda podem ocupar na mídia brasileira.

2. Amor & Sexo e a sexualidade na TV

Amor & Sexo é um programa da Rede Globo que está no ar desde o ano de 2009. A primeira temporada foi exibida entre 28 de agosto e 6 de novembro, às sextas-feiras, logo após o programa Globo Repórter. Em 2010, o programa não esteve presente na programação da Globo, mas voltou com força em 2011 quando teve três edições. A 5ª e 6ª temporada foram ao ar em 2012, sendo que nesta última o programa passou por uma reformulação e começou a ser apresentado com um modelo de auditório, em uma levada que remete ao antigo Cassino do Chacrinha⁴. Assim como o programa do Chacrinha, o novo formato do Amor & Sexo passou a ter elementos como: edição rápida, assistentes fantasiados, plateia animada e grande movimentação de artistas e convidados no palco. Em 2013, foi ao ar a 7ª temporada. Foi neste ano que Fernanda Lima⁵ começou a fazer performances no início do programa, mudando

⁴ O programa foi ao ar, também na Rede Globo, do ano 1982 a 1988.

⁵ Fernanda é jornalista de formação, atriz e modelo. No ano de 1999 teve seu primeiro espaço na televisão assumindo o programa “Mochilão” da antiga MTV. Foi lá também que ela teve o primeiro contato com a temática do Amor & Sexo, quando foi convidada para apresentar o “Fica Comigo”.

significativamente a relação dela com o programa e a imagem que passava. A 8ª temporada foi ao ar em 2014 e a 9ª em 2016. No dia 28 de janeiro de 2017 iniciou-se a 10ª temporada, marcando definitivamente uma nova posição e proposta do programa.

Amor & Sexo sempre teve um “q” de programa experimental, tanto pela temática, que só havia aparecido antes na TV Mulher⁶, quanto pelo formato - que foi se aprimorando a cada nova temporada. Sempre que uma edição chega ao fim, Fernanda Lima se despede sem dar uma data fixa de quando voltará às telinhas, mas há nove anos tem voltado.

O programa também é, hoje, um dos poucos da grade de programação da Globo que, à sua maneira, busca dar vez e voz a determinados grupos sociais marginalizados que, claro, estão envolvidos com a temática amor & sexo. Mas, nem sempre foi assim. Em um artigo apresentado no Intercom de 2011, que analisa a primeira edição do programa, acadêmicos da UFBA sinalizavam que

A análise das falas verbais das 10 edições da primeira temporada de Amor & Sexo nos mostra que são hegemônicos os discursos que constroem a sexualidade a partir dos termos monogamia e heterossexualidade. Como exemplo, vejamos os três principais quadros do programa - *Caindo na Pista*, *Dicas da Semana* e *Strip Quiz* - e os discursos recorrentes nestes (BARROS et al, 2011, p.7).

Durante as primeiras temporadas, a maior parte do programa era ocupado por jogos relacionados à sexualidade. O *Strip Quiz*, por exemplo, era um jogo de perguntas e respostas em que casais - sempre heterossexuais e famosos - respondiam a perguntas feitas por Fernanda Lima e depois passavam pela aprovação da plateia que levantava plaquinhas verdes ou vermelhas, concordando ou discordando da resposta. Na ocasião, ao menos uma pessoa do público era escolhida para dizer porque não concordou e, se a réplica era aceita, o participante perdia uma peça de roupa - que na verdade era retirada de um boneco de papelão que ficava em frente ao corpo dos participantes. O pudor relacionado à nudez foi perdido com o tempo e pode ser visto em diversas passagens do programa, principalmente com relação às roupas que a própria apresentadora utilizava nas primeiras temporadas - que chegavam a ser um pouco infantis, até. A última

⁶ TV Mulher era um programa de variedades, transmitido pela Rede Globo de 1980 a 1986, voltado para o público feminino. Enquanto esteve no ar o programa teve diversos apresentadores e tratou de temas como comportamento sexual e os direitos das mulheres, temas até então considerados tabus.

temporada do programa, em contrapartida, já começou com mamilos de fora e mulheres queimando seus sutiãs como símbolo da luta feminista. Entre tantas outras cenas que tratam a nudez de forma mais natural, no 4º episódio de 2017, que falou sobre como o machismo prejudica também os homens, uma cena marcante encerrou o programa com um nu frontal de um bailarino em uma performance no palco do Amor & Sexo.

Mesmo que até hoje seja comum o Amor & Sexo promover *games* no palco, o atual modelo do programa tem como principal foco as falas performáticas da Fernanda Lima, que tem um texto bem garimpado com dados, estatísticas e perguntas muito bem elaboradas para os entrevistados, que mudam de acordo com a temática de cada programa. Esses especialistas também são convidados a fazer intervenções importantes que sempre contrastam ou ponderam atitudes e falas que há nove anos eram tratadas como as únicas cabíveis. A noção de que a heterossexualidade e a monogamia são mais naturais que outras orientações sexuais ou formas de relação já não fazem mais parte da imagem que o programa pretende passar.

Personagens reais, caricatos e emocionantes, também são utilizados para ilustrar a situação que o programa debate. É visível que os diretores, editores e roteiristas têm uma grande afinidade com influenciadores da internet, tendo em vista que boa parte dos ativistas convidados atualmente para a bancada são pessoas com grande importância nas mídias sociais, além de que as temáticas escolhidas são amplamente discutidas na web⁷.

Antes de estrear a primeira temporada do Amor & Sexo, o então diretor Ricardo Waddington deu uma entrevista, que foi publicada no site do jornal Diário dos Campos, do Paraná, dizendo que o programa seria "como um bate-papo na sua sala de jantar. Ninguém vai se sentir incomodado. Nosso maior objetivo é divertir"⁸.

⁷ Na pesquisa que estou realizando a título de TCC para o curso de Jornalismo do IELUSC, busco identificar esses personagens, caracterizá-los, além de descrever e analisar sua atuação na configuração da última temporada de Amor & Sexo. Tendo isso em vista, parte da pesquisa consiste na realização da análise do discurso do programa, a partir da teia discursiva que o compõe. A proposta é justamente identificar o que mudou nas últimas temporadas e, em que medida, abordagens caricatas, estereotipadas e hegemônicas ainda perpetuam no programa.

⁸ A matéria está disponível no link

<http://www.diariodoscamos.com.br/variedades/2009/08/fernanda-lima-estreia-na-globo-com-amor-e-sexo/1126839>

Com certeza o objetivo do programa mudou bastante nos últimos oito anos porque o que não faltou foi gente incomodada com os episódios da edição de 2017⁹. Mas não foi só no programa da Rede Globo que as coisas mudaram muito nos últimos anos. Esta foi uma mudança que partiu da sociedade e foi absorvida pelo Amor & Sexo, ao menos no último ano.

3. Feminismos e Sexualidades

Para falar sobre a sexualidade no ocidente, inevitavelmente tem que se falar na igreja católica. Segundo Bourdieu, no livro “A Dominação Masculina”, foi ela quem inculcou, na sociedade atual, uma moral familiarista, completamente dominada pelos valores patriarcais e principalmente pelo dogma da inferioridade das mulheres. (BOURDIEU, 2010) A igreja buscou controlar a sexualidade de todas as pessoas durante a inquisição e controla a das mulheres até hoje. No primeiro episódio da última temporada do Amor & Sexo, Regina Navarro Lins comentou que “a sexualidade das mulheres sempre foi muito ameaçadora. Durante séculos diziam que a mulher era insaciável, perigosa, que tinha que ficar trancada [...] Então as mulheres que gostam de sexo, que consideram o sexo uma coisa normal, boa e desejável, ameaçam! E por isso são perseguidas”¹⁰.

Antes do período da inquisição, a única possibilidade dada pela igreja católica para a salvação era o celibato. Só muito depois, para conseguir manter o controle da sociedade, é que a igreja assumiu o casamento como uma instituição sagrada. Nela, a sexualidade só podia ser explorada e vivida, conforme Foucault (2005), dentro do quarto dos pais. Mas esta era uma questão bastante europeia, visto que no Brasil, durante o século XVIII, cerca de 80% dos casais da Bahia, mais de 70% do Rio de Janeiro e em torno de 50% de São Paulo¹¹ viviam em concubinato, ou seja, sem a bênção da igreja.

⁹ Começou o primeiro episódio de 2017 e logo a #AmorESexo foi parar nos trends topics do Twitter e assim foi durante todos os episódios. Em especial o programa sobre feminismo, primeiro da temporada, causou um grande debate nas redes sociais, tanto de pessoas elogiando o programa, quanto criticando, diversos blogs feministas foram pautados por isso nos dias que seguiram o 28 de janeiro.

¹⁰ Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/5605630/>

¹¹ Disponível em

<http://super.abril.com.br/historia/o-lado-feminino-do-brasil-colonial-a-vida-das-mulheres-no-seculo-xvi/>

Por todo o contexto histórico em que o Brasil se desenvolve, ele certamente não está na vanguarda dos direitos pela liberdade individual, apesar de diversas conquistas como a lei número 11.340 Lei Maria da Penha, criada em 7 de agosto de 2006, para proteger a integridade das mulheres vítimas de violência.

Muito antes disso, até o século XIX, mulheres como Maria da Penha eram seres sem direitos. Foi neste período que começaram as reivindicações pelo direito de estudar, por exemplo. Mas só no século XX foi que o feminismo passou a ter realmente espaço na agenda pública do Brasil. Em 1932, há menos de cem anos, Getulio Vargas assegurou o direito ao voto para as mulheres após intensas manifestações no país. Depois disso, a década de 60 ficou conhecida como a década do feminismo, sendo o período "que foi capaz de alterar radicalmente os costumes e tornar as reivindicações mais ousadas em algo normal" (DUARTE, 2003). Os anos 60 marcaram também a dissociação entre reprodução biológica e sexualidade e na sequência, na década de 80, ocorreu um “boom” com relação ao interesse em estudar a sexualidade, que em parte emergiu por conta do surgimento da AIDS. Neste ponto, quem passou a produzir conhecimento sobre sexualidade foram os teóricos da medicina, psiquiatria, epidemiologia, deixando de lado as discussões relacionadas às ciências humanas feitas anteriormente por diversas feministas.

De fato, com exceção da antropologia, que tomou a sexualidade como forma de pensar o social e a sociedade, as disciplinas ou formas de pensamento que tradicionalmente se ocuparam mais de perto do tema foram aquelas de caráter ético ou normativo/terapêutico: o pensamento religioso, a medicina e a psicanálise. Não foi, por exemplo, com objetivos terapêuticos, mas sim normativos, que a medicina veio a se ocupar da sexualidade. (LOYOLA, 1999, p. 32)

Esta normatividade direciona o que a sociedade sabe sobre a sexualidade. Para Foucault (2005), este interesse por estudar a temática pode ter surgido apenas da intenção de assegurar o povoamento, reproduzir a força de trabalho, reproduzir a forma das relações sociais; em suma, proporcionar uma sexualidade economicamente útil e politicamente conservadora.

Desde a consolidação da internet, no entanto, intensificaram-se os discursos plurais sobre sexualidade. Dezenas de blogs e canais¹² estão na rede falando sobre as

¹² Blogs feministas: Blogueiras Negras; Blogueiras Feministas; Socialista Morena; Escritório Feminista;

temáticas hodiernamente, de diversos pontos de vista. Por isso, entre a internet, os movimentos sociais e os meios de comunicação, o intercâmbio de ideias tem sido cada vez mais intenso. Neste cenário, a teoria do agendamento, baseada, grosso modo, no potencial dos meios de comunicação de massa para pautar o debate e a opinião pública, pode ser revista e problematizada, como farei - ainda que em termos bastante iniciais - no próximo tópico deste artigo.

4. Agendamento e contra-agendamento da mídia

A teoria do agenda-setting, formulada por Maxwell McCombs e Donald Shaw na década de 70, passou por diversas fases e pesquisas e é aceita até hoje com a ideia de que aquilo que a agenda midiática informa termina influenciando a agenda pública (SHAW, 2008). Isso quer dizer, em termos gerais, que boa parte dos “papos” de elevador e dos cafés da manhã em família são, de uma forma imperceptível, pautados pela mídia. No Brasil, a principal mídia e maior influenciadora dos "papos" diários é a Rede Globo, que tem os maiores índices de audiência em quase todos os horários da programação. Sobre isso, é curioso perceber que até mesmo aqueles que costumam se manifestar criticamente em relação à emissora, mostram-se atentos à sua programação e às questões que ela traz à tona em seus programas.

Entretanto, ao mesmo tempo que se assume a teoria de que a mídia tem o poder de influenciar a vida e as conversas no espaço público, é necessário compreender se a ação reversa também é possível e, se sim, como se dá este efeito. Em outras palavras, é importante nos questionarmos sobre o potencial de agência das pessoas - “consumidoras” de informação e de conteúdo midiático - no agendamento da mídia, apontando conteúdos, temas e abordagens que estão no centro do interesse público mas que ainda não são suficientemente considerados pela mídia. A este movimento dá-se o nome de contra-agendamento. No artigo “Sociedade, esfera pública e agendamento”, o professor Dr. Luiz Martins da Silva contrapõem a ideia de que o público é uma rele “massa de manobra” e que, portanto

numa sociedade democrática e plural há também uma constelação de sujeitos

Think Olga; Escreva, Lola, Escreva; Capitolina; Lugar de Mulher; entre outros. Também é possível encontrar canais como o Canal das Bee, que fala sobre sexualidade; Hel Mother, que fala sobre feminismo e maternidade; Não me Kahlo; Põem na Roda; além de centenas de páginas no Facebook.

coletivos e de respectivos lugares de fala, mas, não isolados ou encastelados em nichos corporativos, e sim, inter-sujeitos argumentativos, promotores e advogados de direitos e causas (SILVA, 2007, p. 84).

Se a sociedade é, então, composta - ao menos em parte - por sujeitos que são capazes de argumentar e vender as próprias pautas, estas pessoas estão organizadas e também desejam ver as suas histórias, dramas e vitórias contadas pelos meios de comunicação.

O feminismo exposto no Amor & Sexo, por exemplo, não foi um movimento criado pelo programa, mas um movimento que já tinha força, já estava organizado e já havia angariado centenas de mulheres e homens para o seu lado antes de aparecer na telinha. O que o programa fez foi aproveitar uma pauta que já estava sendo vista nas ruas, nos espaços políticos e nas redes sociais para ampliar a sua visibilidade. Ainda conforme Luiz Martins Silva, estes movimentos sociais

Ocupam espaços na mídia porque produzem noticiabilidade, ainda que partindo do avesso do social: o desamparo; a doença; a delinquência; a violência; a morte. A mídia funciona então nesses casos como um espaço público capaz de lhes dar visibilidade e de chamar atenção para as suas realidades dramáticas. (SILVA, 2007, p. 95)

Para que isso aconteça é necessário que estes movimentos, causas ou pessoas, tenham uma participação efetiva na vida pública e que se sobressaiam a todos os outros movimentos, causas e pessoas que também desejariam ter suas vozes amplificadas. Neste ponto, é importante considerar que o ano de 2016 foi especialmente intenso e significativo no que toca as lutas feministas e LGBT¹³. Num cenário político marcado por polarizações ideológicas e frente ao crescimento vertiginoso de discursos conservadores - críticos às políticas públicas, movimentos e ações específicas de valorização e luta pelos direitos das mulheres e pessoas LGBTs, que também ganharam espaço e voz na internet, pelas redes sociais especialmente -, as pautas feministas

¹³ A sigla LGBT, como muitos sabem, referem-se às pessoas lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros. Atualmente, muito se discute nos movimentos sociais e também no campo acadêmico sobre a inclusão de outras “letras”, referindo-se às múltiplas categorias de gênero já conhecidas e reivindicadas pelos próprios atores sociais. Especificamente em relação a Amor & Sexo, a participação da artista Liniker e da mestre em Sociologia Leticia Lanz, pedem, por exemplo, a inclusão das categorias “queer” (Q), “intersex” (I), entre outras.

ganharam novamente as ruas, ainda que não tenham sido suficientemente tratadas pela “grande mídia”, nos produtos jornalísticos de maior audiência. Soma-se a este cenário as várias iniciativas no campo legislativo de frear ou retroceder em algumas conquistas históricas do movimento feminista, no que diz respeito ao aborto, à idade mínima para aposentadoria, aos direitos trabalhistas, dentre outras. A presença dos movimentos nas ruas foi, é claro, fortemente influenciado e “convocado” pelo ativismo nas redes sociais (e vice-versa), colocando-nos justamente em meio ao que vem se chamando de a quarta onda do feminismo, marcada pelas intersecções entre os movimentos feminista, negro, LGBT etc.

Ou seja, o cenário pedia, de algum modo, que aquilo que acontecia nas ruas fosse considerado como valor-notícia, entrando na pauta das mídias. Diversas manifestações são noticiadas o tempo todo porque possuem algum valor informacional, mas a ideia de contra-agendamento é mais que fazer uma ação pontual de visibilidade, é conseguir manter um movimento firme e, a partir disso, manter através da mídia uma comunicação mais ampla com a sociedade¹⁴. É neste momento que a mídia tende a tomar o seu papel de interlocutora no processo de comunicação, deixando de lado a sua vertente estritamente informacional, para estabelecer valores, atitudes e comportamentos (SILVA, 2007).

“[...] as pessoas ‘informadas’ fazem um uso interativo e social da informação alterando a sua própria conduta e agindo de maneira a transformar a realidade de maneira individual ou coletivamente. Esse salto qualitativo é muito importante e realimenta um processo, de forma que informação gera comunicação (interações a partir das informações; usos sociais da informação) e comunicação gera novas necessidades de informação. É preciso que se tenha em mente tal distinção, pois nem sempre as informações resultam, por si, em mudanças. As mudanças só vêm ocorrer quando as informações são catalisadas em favor de processos sociais, de interações e de cooperações no sentido de se alcançar um horizonte. (SILVA, 2007, p. 98)

Neste sentido, foi bastante comum na última temporada do Amor & Sexo,

¹⁴ Para a continuidade da pesquisa apresentada neste artigo, faz-se necessário um aprofundamento significativo da sua fundamentação teórica, considerando outras abordagens importantes acerca desta relação entre os meios de comunicação, a sociedade e suas culturas. Nesse sentido, pode-se citar, de antemão, a centralidade da obra de Jesús Martín-Barbero para o futuro deste estudo, em especial com seu conceito de *mediação*. Exponente dos Estudos Culturais e precursor da escola latinoamericana de Comunicação Social, Martín-Barbero propôs deslocar, já nos anos 80, o debate acerca da comunicação dos meios para as mediações considerando, deste modo, “as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes temporalidades e para a pluralidade de matrizes culturais” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 258).

Fernanda Lima apresentar frases que indicavam que o tema não deve parar ali. A própria apresentadora assume em alguns momentos que o tempo do programa é muito curto para falar sobre todas as coisas que precisam ser ditas e incentiva que o telespectador continue buscando informação depois do fim do programa. Concluindo o pensamento de Silva, ele diz que se comprovada a hipótese que ele está apresentando, nós teríamos a mídia agindo não apenas como tradicionalmente se compreendeu. (SILVA, 2007)

Teríamos, então, uma dinâmica processual e multilateral: da mídia para a sociedade; da mídia para o Estado; da mídia para o mercado; da mídia para a própria mídia. Ou noutra dimensão: da sociedade para a mídia e da mídia para os mais variados campos da “audiência”. (Silva, 2007, p.)

A relação da mídia com o espaço público está estabelecida em uma via de mão dupla, onde os temas que são agendados pela sociedade são reagendados pela mídia a fim de proporcionar ainda mais discussão, novos dilemas, novas pautas e mudanças, afinal aos produtores de notícias e aos comunicadores também é importante a transformação de tudo que está dado.

5. Considerações finais

É importante salientar sobre o quão significativa é a mudança de postura do programa Amor & Sexo, que é transmitido em rede nacional e na maior emissora do país, principalmente em tempos de cada vez mais conservadorismo e retrocesso nas leis e políticas públicas relacionadas à temática de gênero e sexualidade por parte do Estado. Um dos retrocessos mais perceptíveis nesse sentido diz respeito ao Plano Nacional de Educação, que retirou, depois de muito embate, o incentivo à inclusão das temáticas de gênero e sexualidade nos currículos escolares. Este acontecimento, somado à centralidade que projetos como o da Escola sem Partido vem ganhando no debate público, aparece como um obstáculo importante para que a sexualidade das mulheres e pessoas LGBT seja discutida com mais transparência, abrangência e com menos tabus na mídia e pela sociedade em geral.

A mídia é parte importante da sociedade e aos profissionais das grandes empresas cabe, também, pautar discussões como as da última temporada do Amor &

Sexo que talvez, se não por este caminho, demorassem ainda muito tempo para chegar em locais onde até o poder público tem dificuldade de chegar, isso quando não deixa de estar por conveniência.

Neste sentido, a temporada de 2017 do programa Amor & Sexo parece ter tomado para si o ensinamento de Adelmo Genro Filho sobre aproveitar as brechas que as grandes empresas de comunicação dão para plantar uma mudança social. Eis uma questão que deverá ser desdobrada com atenção na continuidade da pesquisa aqui apresentada, a partir de outras abordagens teóricas e autore/as. Que o programa Amor & Sexo se situa numa dessas brechas - com conteúdos, personagens e abordagens um tanto quanto “exóticos” em relação à programação “padrão” da emissora, parece óbvio. Deslocando, como propõe Martín-Barbero (1997) o foco do *meio* para as *mediações*, cabe, a partir daqui, compreender como essas brechas se abrem e se configuram, buscando identificar os fatores que conduziram ao reposicionamento do programa. Mais do que isso, cabe-nos também refletir sobre qual é o potencial de ação dos agentes (apresentadora, entrevistados, personagens etc) na abordagem e na performance de cada tema e de cada debate.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. 160 p.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. 16. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

LOYOLA, Maria Andréa. A sexualidade como objeto de estudo das ciências humanas. In: HEILBORN, Maria Luiza (org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999: p. 31-39.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

SILVA, Luiz Martins. Sociedade, esfera pública e agendamento. In: LAGO, Cláudia e BENETTI, Marcia. **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007: pp. 84-104.

BARROS at al. A sexualidade em Amor & Sexo: representação, discurso e regime de verdade. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v.3, n.2, (2011). Disponível em: <<http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/iniciacom/article/view/616>>
Acessado em: 19/04/2017.